

## ENTREVISTA

### Marco Aurélio Werle acerca de seus estudos sobre Hegel e Goethe

Gustavo Torrecilha<sup>1</sup>  
Universidade de São Paulo - USP

#### APRESENTAÇÃO

Trata-se de uma entrevista com o professor Marco Aurélio Werle (Universidade de São Paulo) acerca de sua trajetória de pesquisa, especialmente no que diz respeito aos seus trabalhos envolvendo as obras de Hegel e Goethe. O professor discute, para além do desenvolvimento de sua investigação dos dois autores, as relações entre a figura de Goethe e a estética de Hegel. Além disso, também são abordados os próximos passos de sua pesquisa, que envolvem um trabalho com o romance de formação *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* e a tradução da correspondência completa entre Goethe e Schiller, bem como os desdobramentos filosóficos desses empreendimentos.

#### Gustavo Torrecilha:

1. Desde quando o senhor se ocupa com a relação entre Hegel e Goethe?

#### Marco Aurélio Werle:

Desde meu doutorado, ou melhor, já no fim do mestrado, em 1996, quando preparei um projeto de doutorado sobre a estética de Hegel, que tinha como objetivo situá-la na chamada época de Goethe [*Goethezeit*]. Essa interpretação mais ampla da estética de Hegel, que eu imaginava fazer a partir dos fundamentos da chamada estética da época de Goethe, não foi possível de ser executada de modo mais detalhado em minha tese de doutorado, e isso por uma série de exigências de rigor a que me propus naquele momento, bem como também pelo fato de que importava estabelecer uma determinada leitura interna e sistemática do tema da poesia na estética de Hegel. Meu doutorado foi publicado em livro em 2005 (Werle, 2005), sendo que Goethe está nele fortemente presente, por exemplo, quando situo a poesia lírica e dramática.

---

<sup>1</sup> E-mail: gustavo.torrecilha@usp.br

Cabe destacar que nesta época, entre 1997 e 2004 traduzimos a estética de Hegel, que saiu publicada em 4 volumes. Ficou cada vez mais claro para mim, nesta tradução, o quanto Goethe está presente por todos os lados da estética de Hegel. Escrevi um artigo sobre isso, em 2001 publicado pela revista *Discurso* (Werle, 2001).

## Torrecilla:

2. *Como se desenvolveu a seguir esta investigação?*

## Werle:

A partir de 2002, quando entrei como professor na USP, percebi que precisaria dar uma atenção mais específica a Goethe, independentemente de Hegel. Inicialmente minha abordagem de Goethe foi norteadada pela relação mais direta com a estética de Hegel. Isso se reflete no artigo de 2002 sobre a relação da poesia de Goethe com a estética de Hegel e na aula inaugural de 2003 no Departamento de Filosofia da USP sobre a recepção da pintura na estética de Hegel, mediada pela discussão de Goethe com Diderot acerca do papel do colorido. A partir de 2003 em diante, passei então a me dedicar mais diretamente à obra teórica de Goethe, em especial aos escritos sobre arte, que acabei por traduzir para o português, e que foram publicados em 2005, pela Editora Humanitas/Imprensa Oficial, com reedição em 2008 e outras depois. A isso se liga o estágio de dois meses no *Goethe Nationalmuseum* de Weimar/Alemanha, em 2003 e a comunicação na ANPOF de 2004 sobre o romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Para complementar essa inflexão dos estudos sobre Goethe, cabe mencionar um curso de graduação que dei sobre a estética de Goethe, em 2005. Na época orientei dois mestrados sobre Goethe, um sobre a obra de juventude de Goethe e outro sobre sua posição estética diante das artes plásticas, desde sua *Viagem à Itália*, envolvendo também o método morfológico.

Nessa ocupação com as reflexões de Goethe sobre temas artísticos, sempre me vinham algumas interrogações, que passaram a servir como uma espécie de horizonte investigativo: que sentido há em estudar Goethe no âmbito filosófico? E qual é a importância de Goethe para quem pretende compreender a estética de Hegel? Tratam-se de questões bastante complexas, que já foram respondidas de diferentes maneiras. Tentarei a seguir levantar alguns aspectos do problema. Em primeiro lugar, para quem está familiarizado com a estética de Hegel, como já disse acima, salta aos olhos as inúmeras referências a Goethe. Poder-se-ia objetar que temos também inúmeras outras referências a poetas ou artistas, por exemplo, a Homero e a Shakespeare na abordagem hegeliana. Poder-se-ia também considerar que a referência a Goethe decorre da própria estrutura da estética de Hegel, que procura acompanhar de perto a obra dos grandes artistas e literatos.

Entretanto, parece-me que a presença de Goethe se faz sentir de maneira mais profunda na estética de Hegel, e isso no que toca à própria decisão de Hegel, nos anos 20 em Berlim, de elaborar ou aprofundar uma parte de seu sistema dedicada exclusivamente à arte, isto é, à estética. Se bem que, do ponto de vista sistemático,

Hegel já previa um lugar para a arte na *Enciclopédia das Ciências filosóficas*, antes mesmo dos cursos sobre estética. Mas, uma coisa são as indicações sumárias e abreviadas que encontramos sobre a arte nessa obra, outra coisa é a elaboração pormenorizada e a dedicação de vários semestres universitários à estética. E talvez não seja coincidência que Goethe e Hegel cultivem, a partir de 1820, uma aproximação que anteriormente não tinha sido possível, já que para Goethe, desde a época de Jena, quando se conheceram, o modo de exposição de Hegel não era propriamente estimulante. Mas, o tempo passa e com ele também aquele momento de efervescência política e cultural que deu origem ao romantismo e idealismo no início do século XIX: é hora da ave de Minerva alçar seu vôo! Ou talvez, do absoluto se associar ao fenômeno primordial...

Arrisco aqui uma hipótese que talvez merecesse um aprofundamento maior: parece-me que Hegel dificilmente se dedicaria à estética se não houvesse surgido em sua época o fenômeno Goethe e aquilo que esse fenômeno suscitou em termos de reflexão artística e de engrandecimento da figura da poesia em relação à filosofia. A influência e a representação de Goethe para a cultura alemã e europeia permitem a Hegel precisamente compreender a arte como um fenômeno de amplitude mundial e absoluta, que tem uma posição elevada na esfera das manifestações do espírito. Não se trata de imaginar aqui uma mera glorificação de Goethe, mas salta aos olhos precisamente a magnitude e a imponência de Goethe como centro articulador dos mais altos interesses alemães e europeus daquela época, no seio da modernidade. Goethe surge como referência central para os grandes nomes da música, da filosofia, da literatura e das ciências da época. Em termos práticos, interveio diretamente na contratação de químicos, biólogos e físicos para a Universidade de Jena, ligada na época à corte de Weimar. Esta é a dimensão política e cultural do conselheiro da corte de Weimar, que certamente esteve sempre no horizonte das preocupações de Hegel. E é essa percepção de Goethe como centro irradiador que me levou a tentar compreendê-lo por ele mesmo e considerar que isso seria ao mesmo tempo um percurso natural para a compreensão da própria estética de Hegel.

## **Torrecilla:**

*3. O senhor poderia explicar um pouco mais como se coloca a relação entre Goethe e Hegel para a compreensão das questões estéticas da época? Em que sentido a figura de Goethe é decisiva?*

## **Werle:**

Embora Hegel ressalte o ideal grego de beleza, sua atenção se dirige especialmente para um fenômeno artístico de sua época e a inserção dele na história do pensamento. A obra de Goethe, na medida em que apresenta uma resolução bem sucedida da relação entre antigos e modernos, se projeta tanto do ponto de vista criativo quanto do ponto de vista crítico, de modo que a estética hegeliana se constrói a partir de uma percepção do “fenômeno” Goethe e de sua significação para a literatura mundial, enquanto marco da cultura alemã e europeia. A figura de Goethe não é invocada somente devido à sua “genialidade”, mas por representar uma atitude objetiva e artística de envergadura histórica, uma espécie de tipo universal humano atento a tudo

## **ENTREVISTA**

Marco Aurélio Werle a cerca de seus estudos sobre Hegel e Goethe

o que está à sua volta. É o que sugere o adendo 3 do § 24 da *Enciclopédia das ciências filosóficas*, que trata da relação entre lógica e metafísica, mais precisamente da possibilidade de um saber baseado na amplitude da experiência humana:

Um grande sentimento [*Sinn*] tem grandes experiências e no jogo variegado do fenômeno percebe aquilo que interessa. A ideia está presente e é efetiva, não é algo situado num além e que permanece oculto. O grande sentimento, por exemplo, o de Goethe, que observa a natureza ou a história, tem grandes experiências, entrevê o racional e o exprime (Hegel, 1989, p. 87).

Não é à toa que o período da vida de Goethe (1749-1832) foi tomado por estudiosos como constituindo a base para a designação de toda uma época, a chamada “época de Goethe” [*Goethezeit*]. Numa carta de Hegel a Goethe de 24 de abril de 1824 lemos: “Quando olho para o curso de meu desenvolvimento espiritual, vejo o senhor entretido por todos os lados e permita-me que eu possa me nomear um de seus filhos; meu interior recebeu do senhor um alimento para uma força de resistência contra a abstração e se orientou por suas obras como se fossem faróis” (Hegel *apud* Gadamer, 1993, p. 67-68).

Tendo em vista esse fato, apresenta-se para nós uma via de mão dupla de análise: ao se investigar de modo aprofundado certos tópicos e autores da estética da época de Goethe, ao mesmo tempo torna-se possível penetrar em certos meandros dos desafios a que responde a própria estética de Hegel. É inegável que a estética de Hegel se erige a partir de desdobramentos do romantismo e do classicismo alemães, bem como do pré-romantismo, movimentos com os quais Goethe teve uma forte ligação, mesmo quando deles discordava. Uma investigação mais atenta nos revela que há um fio condutor que se inaugura no âmbito alemão, em torno de 1750, com figuras como Baumgarten, Lessing, Winckelmann e Herder, e se estende até Hegel, passando por Kant, Schiller e o romantismo<sup>2</sup>. O desafio lançado por Baumgarten, de uma “ciência do conhecimento sensível”, permanece como uma tarefa a ser resolvida. Não é à toa que 70 anos depois do surgimento da *Estética* com Baumgarten, Hegel inicie seus *Cursos de estética* discutindo não apenas o termo “estética”, mas também enfrentando as objeções que poder-se-ia fazer à filosofia da bela arte, seja pelo lado da sensibilidade, seja pelo lado do intelecto. Isto é, Hegel considera ainda a tarefa da filosofia da arte segundo os termos inaugurados por Baumgarten, embora o encaminhamento dessa “contradição” seja obviamente bem distinto do de Baumgarten, uma vez que Hegel não apenas se beneficiará das conquistas da *Crítica da faculdade de julgar*, de Kant, em relação a um conceito, por assim dizer, reflexivo ou reflexionante da sensibilidade,

---

<sup>2</sup> Pode-se dizer que os estudos de Peter Szondi, em particular seu *Poetik und Geschichtsphilosophie I und II*, constituíram um importante resgate desse fio condutor da história da estética na Alemanha e isso a partir de casos concretos, envolvendo principalmente as transformações no campo da teoria dos gêneros literários. Procurei explorar alguns pontos do primeiro momento dessa história no artigo “Winckelmann, Lessing e Herder: estéticas do efeito?” (WERLE, 2000). Um dos documentos mais fortes, em termos intuitivos, da época é o romance de Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther*, que analisei no artigo “Natureza e sociedade no Werther de Goethe.” (Werle, 2017).

como também compreenderá a atividade racional segundo a perspectiva do movimento do conceito<sup>3</sup>. Dando mobilidade ao sensível e à razão, Hegel poderá erigir um amplo sistema de estética, desde a perspectiva da própria contradição que marca todo fenômeno artístico ou literário. Ao contrário de Baumgarten, não se procurará mais “resolver” o caráter confuso do sensível, e sim assumir a contradição como sistema.

## Torrecilla:

4. *Faz alguns anos que o senhor se ocupa do romance Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister. O senhor poderia falar um pouco disso?*

## Werle:

No momento estou realizando um ano sabático junto ao IEA/USP (março de 2024 até fevereiro de 2025), como pesquisador, justamente para escrever um livro sobre este assunto, cujo título provisório é *Teatro e vida no Meister de Goethe*. Trata-se de investigar o romance de Goethe a partir de seu significado filosófico, estético, literário, educacional, psicológico e social, que ele teve em sua época e continuou tendo desde então nas ciências humanas, principalmente devido à repercussão do conceito de *Bildung*, que pode ser traduzido por formação, educação ou cultura. Segundo Hegel, todo o romance se equilibra entre a poesia do coração (teatro) e a prosa do mundo (vida), entre subjetividade e objetividade. O personagem Meister, ao receber no nono e último capítulo do sétimo livro sua carta de aprendizado, reafirma o antigo adágio: “longa é a arte, breve é a vida”.

Poucas obras literárias tiveram tanto impacto na história da literatura e da filosofia quanto o romance de Goethe, escrito entre os anos de 1794-97. Surgido num momento em que o gênero do romance, depois de ter começado a se estabelecer em seus contornos básicos ao longo do século XVIII, estava encontrando seu ponto culminante e sua fixação como veículo literário por excelência, esse romance de Goethe costuma ser tido como inaugurador do chamado “romance de formação” [*Bildungsroman*].

O conceito de *Bildung* é central para toda a filosofia alemã da época. Segundo H. G. Gadamer (1993, p. 9-12), em *Verdade e método*, ele foi principalmente trabalhado e problematizado em várias direções culturais pela reflexão de Hegel. Com efeito, o estilo filosófico de Hegel na *Fenomenologia do espírito* é muito próximo daquele presente

---

<sup>3</sup> Buscando compreender a noção de autonomia da estética em Kant, menos a partir de um registro puramente filosófico ou de história da filosofia, e sim a partir de questões efetivamente estéticas, tratei da posição de Kant em relação a Baumgarten, de um lado, e Hegel, de outro, no artigo “O lugar de Kant na fundamentação da estética como disciplina filosófica.” (Werle, 2005). Igualmente tentei traçar um percurso positivo entre a *Crítica da faculdade de julgar* e os *Cursos de estética*, a partir de certos momentos-chave em que a filosofia crítica, na análise do juízo estético, aponta para a instância especulativa e idealista. Defendo, portanto, que apesar de haver uma incompatibilidade entre o ponto de vista essencialmente subjetivo de Kant, que se encontra alicerçado numa teoria do juízo, e a perspectiva idealista do enunciado especulativo em Hegel, há também uma certa continuidade entre o ponto de vista kantiano e o hegeliano. Cf. Werle, 2019.

## ENTREVISTA

Marco Aurélio Werle a cerca de seus estudos sobre Hegel e Goethe

no romance de Goethe. Na “Introdução” à *Fenomenologia do espírito*, Hegel se refere ao processo do em si e para si da consciência, que realiza o caminho da formação para o saber, como se a consciência fosse uma personagem, e ao processo de identificação da experiência por parte do filósofo, que apenas observa, o *para nós* que reconhece o que ocorre por detrás da consciência, sem que ela o saiba. No romance de Goethe esse pensamento está expresso não só na relação entre o narrador e os personagens, como também se coloca na relação de Meister com a Sociedade da Torre<sup>4</sup>.

Com Hegel, o termo formação remete não apenas a um ideal particular e individual, mas a um processo inscrito na própria dinâmica histórica e cultural de toda a metafísica ocidental até os dias de hoje. Na *Fenomenologia do espírito* vemos a consciência percorrer uma série de figuras da consciência e do espírito que sintetizam todas as possibilidades de efetivação do saber e da ação humana, desde a dimensão da teoria do conhecimento, da descoberta da subjetividade e da intersubjetividade, passando pela vida social e cultural e chegando às chamadas esferas totalizantes da religião e da filosofia.

Basicamente, a obra de Goethe é *uma realização poética* daquilo que na filosofia pós-kantiana se chama de *sistema de filosofia*. Parece-me central a concepção de Goethe e de Hegel, no ambiente pós-kantiano e com ressonâncias da Revolução Francesa, de fazer uma espécie de genealogia da consciência, ou seja, de explorarem os principais aspectos de efetivação do ser humano no mundo e isso sempre desde uma perspectiva “neutra”, não procurando julgar o ser humano, sem recorrer a uma maquinaria, como diz Schiller em cartas a Goethe de 8 e 9 de julho de 1796, e sim se colocando apenas como observadores do percurso da formação humana: um como narrador (Goethe) e o outro como filósofo (Hegel).

## Torrecilla:

5. Sua livre-docência de 2009, publicada em livro, é sobre a estética de Hegel na época de Goethe. O senhor poderia falar disso?

## Werle:

Sim, *A aparência sensível da ideia* (Werle, 2013), livro publicado em 2013 junto à editora Loyola, com o subtítulo *Estudos sobre a estética de Hegel e a época de Goethe*.

Nesse livro estão reunidos artigos e ensaios que remontam ao período pós-doutoral, ou seja, refletem pesquisas que realizei entre 2000 e 2009. O assunto principal é a estética de Hegel e sua época, assunto que na verdade venho pesquisando nos últimos 25 anos e que alcançou alguns desdobramentos, em termos de publicações: na direção do classicismo de Weimar realizei a tradução dos *Escritos sobre arte* de Goethe (Goethe, 2008), em 2005, e na direção do romantismo a tradução da *Doutrina da arte* de August Schlegel (Schlegel, 2014), em 2014.

---

<sup>4</sup> Cf. uma palestra online que fiz sobre a relação entre o *Meister* de Goethe e a *Fenomenologia* de Hegel: <https://www.youtube.com/watch?v=9hxeeJWWgTA>

No período posterior à livre-docência procurei realizar uma ampliação e um alargamento de alguns aspectos e perspectivas da “estética da época de Goethe”. No que se refere à importância e ao sentido de se investigar isso, penso que o assunto da constituição da estética e de suas modalidades de afirmação é imprescindível para que se consiga compreender tanto os fundamentos do trabalho na área de estética, seja voltado à crítica ou à história da arte, quanto os aspectos essenciais da própria história da filosofia do período (com seus problemas éticos, epistemológicos, metafísicos, etc.), os quais passam em larga medida pelo campo da estética.

Eu queria aqui também lembrar que estes estudos correram em paralelo com uma tradução que fiz de excertos da *Ciência da Lógica* (Hegel, 2011), publicados pela Editora Barcarolla, em 2011, ou seja, como uma extensão da ocupação com a estética de Hegel<sup>5</sup>, muito embora signifique também uma inserção no campo dos problemas filosóficos em geral.

A fim de detalhar meus objetivos de pesquisa, resalto, de início, que a estética de Hegel, como aglutinadora de praticamente todos os problemas de estética do período que se estende de 1750 a 1830, funciona em minhas investigações como um repertório de motivos e chaves de leitura para a realização de incursões em outros autores da estética da época de Goethe. O movimento de pesquisa se dirige tanto da estética de Hegel para o seu tempo quanto das produções teóricas, literárias e artísticas desse tempo para Hegel. Com isso, acredito fazer justiça ao que pretendeu Hegel em seu grande empreendimento sistematizador, que são os *Cursos de estética*, e ao mesmo tempo acredito alcançar um fio condutor sólido para a abordagem de outros autores. Não se trata simplesmente de situar o pensamento estético desse período como se encaminhando teleologicamente para Hegel ou de interpretá-lo pura e simplesmente a partir de Hegel. Antes, a estética de Hegel se afigura como uma espécie de pano de fundo ou ponto de fuga, a ser compreendida em sua gênese estética e filosófica.

Dito de outra forma, acredito que investigando de modo aprofundado certos tópicos e autores da estética da época de Goethe, ao mesmo tempo torna-se possível penetrar em certos meandros dos desafios a que responde a própria estética de Hegel. Pois, é inegável que a estética de Hegel se erige a partir de desdobramentos do romantismo e do classicismo alemães, bem como do pré-romantismo.

## Torrecilla:

6. Atualmente o senhor também está trabalhando numa tradução da correspondência sobre Goethe e Schiller. O senhor poderia falar sobre isso e a importância desta correspondência para a constituição da filosofia da arte na época e para Hegel?

## Werle:

Trata-se de uma tradução, com comentário e notas, da *Correspondência entre Goethe e Schiller*. Essa proposta de trabalho envolve atualmente três tradutores: além de mim, o prof. Pedro Franceschini (UFBA) e o prof. Vladimir Vieira (UFF). Trata-se

---

<sup>5</sup> Tratei disso no artigo Werle, 2015.

## ENTREVISTA

Marco Aurélio Werle a cerca de seus estudos sobre Hegel e Goethe

de um projeto de longo prazo, que pretende realizar uma tradução completa e integral para a língua portuguesa, das 1015 cartas dessa correspondência, empreendida entre 1794 e 1805. Estamos praticamente concluindo esta tradução, que sairá pela EDUSP. A tradução atualmente disponível no Brasil, em língua portuguesa, é parcial, correspondendo a somente 136 cartas<sup>6</sup>.

Inicialmente Schiller morava em Jena e Goethe em Weimar, cidades próximas do hoje estado da Turíngia. Em 1799 Schiller se muda para Weimar, mas ambos não deixam de escrever cartas. Nelas temos referências a quase todas as personalidades literárias e filosóficas da época, de modo que percorrê-las e investigá-las significa realizar uma verdadeira incursão pela literatura daquele momento e pela filosofia alemã pós-kantiana, marcada principalmente pelo idealismo e pelo romantismo. A presença de Schiller implica ainda um retorno constante ao ponto de vista da própria filosofia kantiana.

A correspondência mais intensa ocorre nos anos de 1797 e 1798, em parte porque nesse momento ambos já estavam mais afinados em termos de objetivos literários e estéticos e pode-se dizer que também confiam mais um no outro, depois de um início mais tímido, lá por 1794 e 1795. Depois de 1803 a saúde de Schiller começa a piorar e as cartas vão ficando mais escassas. É preciso atentar também para a posição de ambos nessa correspondência: Goethe (1749) era dez anos mais velho do que Schiller (1759). Além disso, era o grande poeta da corte de Weimar e a personalidade mais importante de um círculo literário maior. Foi conselheiro da corte, ao passo que Schiller foi inicialmente professor de história em Jena. Ou seja, a posição de Goethe era muito mais influente que a de Schiller, de modo que Goethe parece sempre conduzir a correspondência. Também não se pode desconsiderar que foi Goethe que a reuniu e publicou em 1829, muitos anos depois da morte de Schiller. Não se pode dizer que é uma relação “igual” entre ambos, no que concerne à posição social. Por outro lado, são “iguais” no plano intelectual, se é que essa categoria, a da igualdade, é apropriada para situá-los.

O fato é que ambos procuram um no outro elementos para um progresso intelectual genuíno e demonstram um grande respeito recíproco e admiração, no horizonte de uma verdadeira troca de experiências e de companheirismo. Na verdade, são dois modos de pensar que se encontram e que possuem nítidas diferenças, embora tenham muitas afinidades: Goethe é o homem da exterioridade e objetividade e Schiller da interioridade e subjetividade (carta de Goethe do começo de 1798, bem como a famosa carta de 28 de agosto de 1794, quando se inaugura propriamente a correspondência de ambos). Dessa forma, vemos neles se encontrarem duas fortes tendências do próprio pensamento da época marcado pelo domínio da filosofia kantiana e sua herança: um pensamento mais subjetivo e outro mais objetivo, mas ambos numa tensão dialética.

---

<sup>6</sup> É preciso ressaltar que a nossa intenção de realizar uma tradução integral está em sintonia com o que foi realizado na Argentina, no âmbito da língua espanhola, onde foi publicada a tradução integral das cartas (Goethe; Schiller, 2014). Em francês as cartas foram traduzidas também integralmente (Goethe; Schiller, 1994).

Ambos se encontram, no entanto, a caminho de um ultrapassamento do princípio de uma subjetividade centrada em si mesma. Para ilustrar esse argumento, seleciono uma passagem do fim da “Introdução” aos *Cursos de estética*, onde Hegel investiga o desenvolvimento da estética pós kantiana e diz que “devemos a Schiller o grande mérito de ter rompido com a subjetividade e abstração kantianas do pensamento ... enquanto Schiller mergulhou na profundidade interior do *espírito*, Goethe conduziu o que tinha de mais próprio para o aspecto *natural* da arte... (Hegel, 2015, p. 78-79)”.

É importante ressaltar também que os pensamentos de ambos possuem um certo ar de improviso e de experimentação e que não estamos diante de tratados filosóficos fechados em si mesmos, bem como, inversamente, não se pode menosprezar a profundidade das questões colocadas, ou seja, tomar as cartas apenas de um ponto de vista literário e estilístico, concernentes à individualidade e contingência dos missivistas. Nessas cartas também nos deparamos com um retrato de uma época e somos introduzidos aos bastidores da atividade intelectual, no que concerne, por exemplo, a certas intrigas literárias e à relação, por vezes tensa, com os editores, o público e o mercado editorial alemão. É interessante perceber como as ideias e as concepções ditas “elevadas” convivem com situações e contextos ao mesmo tempo bastante prosaicos, concernentes à situações corriqueiras da vida, ligadas à viagens, as visitas e aos eventos sociais, políticos e familiares. Dessa forma, as ideias adquirem, por contraste, uma certa concretude e somos remetidos aos processos de gestação, de elaboração e de criação, bem como às suas vicissitudes e incertezas.

Um das hipóteses de trabalho junto a essa correspondência consiste em examinar em que medida a atividade de Goethe e Schiller, nesse período de uma década, permitiu efetivamente a consolidação da estética como filosofia da arte, lembrando que a *Crítica da faculdade de julgar* é de 1790 e os primeiros sistemas de filosofia da arte surgem depois de 1800, a saber, a *Doutrina da arte* de A. Schlegel e a *Filosofia da arte* de F. Schelling<sup>7</sup>. Já os *Cursos de estética de Hegel*, como o ponto culminante desse movimento, se situam nos anos 20 do século XIX. Para tanto, contribuiu certamente o esforço teórico de Schiller que, com suas *Cartas sobre a educação estética do homem* e *Poesia ingênua e sentimental*, projetou certos princípios da filosofia kantiana para o terreno da história, da poesia e dos gêneros poéticos, além de acentuar uma forte tendência antropológica e de unificação de todo o saber. Essas obras, bem como o romance de formação *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe, surgiram no horizonte da correspondência entre os dois poetas.

Vale ressaltar também a necessidade de explorar o modo como a relação entre Goethe e Schiller foi concebida pela herança da filosofia alemã ao longo do século XIX e começo do XX. Penso aqui particularmente em dois nomes: Ernst Cassirer e Wilhelm Dilthey, para os quais Goethe e Schiller constituíram não apenas nomes representativos do chamado pensamento estético, mas também nomes indispensáveis para a própria concepção de filosofia e de pensamento em geral, a partir do sentido

---

<sup>7</sup> Schiller afirma em carta a Goethe de 10/03/1801: “Schelling quer fornecer uma dedução a priori dos diferentes gêneros da arte, pelo que estou curioso” (Goethe; Schiller, 1990, p. 841).

mais profundo da filosofia kantiana e do idealismo. Considere-se os livros de Cassirer: *Idee und Gestalt* (Cassirer, 1971), *Freiheit und Form (Studien zur deutschen Geistesgeschichte)* (Cassirer, 1917), *Rousseau, Kant e Goethe* (Cassirer, 1991), *Die Philosophie der Aufklärung* (Cassirer, 2007), etc. e o clássico estudo de Dilthey: *Das Erlebnis und die Dichtung* (Dilthey, 2005). Nessas obras se pode medir a importância e envergadura, principalmente de Goethe, seja para a instituição de uma filosofia das formas simbólicas como renovação do neokantismo seja para a instauração de uma filosofia da vida, de cunho hermenêutico. Ao mesmo tempo, por meio desses dois filósofos, que podem ser tomados como importantes intérpretes do período clássico da poesia e da filosofia alemã e seu legado ao longo do século XIX e XX, pode-se compreender melhor alguns desdobramentos de pensamento que se colocam justamente nesses anos da correspondência entre Goethe e Schiller. Por exemplo, Cassirer (1971, p. 111) situa Schiller como o pensador que instaurou o método do idealismo<sup>8</sup>.

## Torrecilla:

7. Qual obra ou texto de Goethe obteve uma recepção ou um aprofundamento maior na estética de Hegel? Seria possível também desenvolver um pouco como a figura de Goethe como artista e poeta é abordada pela estética hegeliana?

## Werle:

Como indiquei anteriormente, o primeiro aspecto a ser destacado é que Hegel tem em vista a figura de Goethe como um todo, sua atitude e produção orientada para diferentes domínios de saber, desde a filosofia da natureza até a filosofia do espírito. Quanto à natureza, a *Doutrina das cores* é recepcionada de modo muito positivo no longo parágrafo 320 da *Enciclopédia das ciências filosóficas*, no âmbito da filosofia da natureza. Hegel toma partido de Goethe contra Newton. Igualmente as ideias de Goethe sobre a cor são acolhidas no capítulo sobre a pintura dos *Cursos de estética*.

Goethe é também tomado como uma espécie de modelo da atividade artística, no fim da primeira parte dos *Cursos de estética*, dedicado ao conceito de artista. Interessa para Hegel pensar o artista não apenas no quadro da categoria de gênio, fantasia ou imaginação, mas principalmente na medida em que se caracteriza pela objetividade da exposição. Neste contexto recebe grande atenção o texto *Imitação simples da natureza, maneira e estilo*, que faz parte dos *Escritos sobre arte* e que Goethe concebeu a partir de suas experiências com a *Viagem à Itália*. É o modo como Goethe lida com a subjetividade, enquanto um processo subjetivo (maneira) e ao mesmo tempo objetivo (imitação e estilo), que é importante para Hegel. É isso que marca a produção lírica de Goethe, a partir das canções (*Lieder*) que produziu tanto na juventude quanto na maturidade. Lembrando que a forma de arte romântica dos *Cursos de estética*, último estágio da arte na época moderna, termina com uma menção ao *Divã ocidento-oriental*,

---

<sup>8</sup> Curiosamente em tempos recentes Rudiger Safranski também elaborou essa hipótese (Safranski, 2004). No fundo, Cassirer se apóia no artigo que Wilhelm von Humboldt escreveu em 1830 (Humboldt, 1963).

em comparação com poemas da juventude de Goethe. Fica claro neste contexto o modo como Goethe estabeleceu sua lírica com um processo relacionado à experiências ao longo de sua vida, num sentido subjetivo e objetivo ao mesmo tempo.

No âmbito do teatro, a peça *Ifigênia em Táurida* é destacada na primeira parte dos *Cursos de estética*, uma vez que nela Goethe equacionou de modo feliz a relação entre a tragédia antiga e o drama moderno, que é um drama de caráter (Shakespeare). Para ficar ainda junto ao gênero do drama, a tragédia do Fausto é tida como a tragédia filosófica absoluta.

Estes são alguns exemplos de obras referidas por Hegel. Há outras mais. Na “Introdução” aos *Cursos de estética*, Hegel afirma que Goethe escreveu muito sobre arte. Ou seja, esta é a perspectiva de recepção, não a partir desta ou daquela obra específica, mas a partir do conjunto da produção de Goethe. Inclusive, para finalizar esta questão, há também críticas a Goethe, por exemplo ao *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* e ao *Os sofrimentos do jovem Werther*. Neste caso, Hegel acaba concordando com o que o próprio Goethe diz delas e acaba por reinterpretá-las num sentido mais amplo de seus significados.

## Torrecilla:

8. Como o senhor vê o cenário atual da pesquisa acerca das relações entre Goethe e Hegel, não apenas no Brasil, mas também no mundo? Quais temas e questões têm pautado o debate?

## Werle:

Devo dizer que, devido aos meus interesses mais amplos ligados à chamada estética da época de Goethe, ando um pouco afastado de estudos especializados ou específicos apenas voltados a Hegel. Acredito, e é o que procurei indicar nesta entrevista, que Hegel é um autor que requer que se o situe para além dele, para além do sistema fechado, e isso se aplica a todas as áreas de sua filosofia. Só que o modo de como se compreende isso é bem diverso: há os que compreendem que é preciso sobretudo “atualizar” Hegel, trazendo-o para contextos contemporâneos posteriores, o que sem dúvida pode ser produtivo (Pippin, Pinkard). Mas, igualmente é importante saber como Hegel chegou a constituir os fundamentos de sua estética a partir de uma visada mais ampla, voltando para o passado. Penso que Gadamer, a partir da hermenêutica, é sensível a esta “presença do passado” no presente. Não é a toa que Gadamer tem estudos muito instrutivos sobre Goethe e sua época.

Esta relação entre Goethe e Hegel foi historicamente vista de diferentes maneiras, por filósofos como Cassirer, Dilthey, Lukács, Walter Benjamin, Adorno, entre outros. A publicação, ocorrida em nosso século, dos cadernos de alunos dos cursos de filosofia da arte, pronunciados por Hegel em Berlim nos anos 1820, permite perceber alguns detalhes novos das preocupações de Hegel no âmbito da estética, de modo a ampliar o rol de problemas e desafios de interpretação.

Um tema central da recepção de Hegel é o que se refere ao fim da arte, sobre o qual, aliás, escrevi um livro, intitulado *A questão do fim da arte em Hegel* (Werle, 2001), de 2011. Procuo sobretudo situar esta questão em termos especulativos, muito embora

## ENTREVISTA

Marco Aurélio Werle a cerca de seus estudos sobre Hegel e Goethe

também aponte para o quadro de suas recepção e repercussão no século XX. Defendo que se trata de um tema que necessita uma postura de interpretação mais aberta, que leve em conta fatores relacionados ao destino da arte para além do que Hegel pode pensar até 1830.

Seja como for, a estética de Hegel continua sendo uma fonte de reflexão bastante diversificada, seja na direção do passado, seja na direção do futuro. Trata-se, a meu ver, de toma-la pelo que ela é, de indagar seus fundamentos e, por que não, também seus limites, lembrando aqui das palavras de Adorno sobre Kant e Hegel, em sua *Teoria estética*.

### REFERÊNCIAS

- CASSIRER, E. *Die Philosophie der Aufklärung*. Hamburgo: Felix Meiner Verlag, 2007.
- CASSIRER, E. *Idee und Gestalt: Goethe/Schiller/Hölderlin/Kleist*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1971.
- CASSIRER, E. *Freiheit und Form (Studien zur deutschen Geistesgeschichte)*. Berlim: Verlag Bruno Cassirer, 1917.
- DILTHEY, W. *Das Erlebnis und die Dichtung*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Rousseau, Kant, Goethe*. Hamburgo: Felix Meiner Verlag, 1991.
- GADAMER, H.-G. *Goethe und die Philosophie*. Gesammelte Werke, vol. 9. Ästhetik und Poetik. Tübingen: Mohr Siebeck, 1993.
- GADAMER, H.-G. *Hermeneutik II: Wahrheit und Methode*. Gesammelte Werke, vol. 2. Tübingen: Mohr Verlag, 1993, p. 9-12.
- GOETHE, J. W. *Escritos sobre arte*. Trad. Marco Aurélio Werle. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas/São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: 2008.
- GOETHE, J. W.; SCHILLER, F. *Briefwechsel*. München: Hanser, 1990.
- GOETHE, J. W.; SCHILLER, F. *Correspondance 1794-1805*. Trad. L. Herr. Paris: Gallimard, 1994.
- GOETHE, J. W.; SCHILLER, F. *La más indisoluble unión: Epistolario completo 1794-1805*. Trad. M. Burello e R. R. de Langbehn. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2014.
- HEGEL, G. W. F. *Ciência da lógica (excertos)*. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcarolla, 2011.
- HEGEL, G. W. F. *Cursos de estética I*. Trad. Marco Aurélio Werle. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- HEGEL, G. W. F. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften I*. Werke, vol. 8. 2. ed. Suhrkamp: Frankfurt am Main, 1989.
- HUMBOLDT, W. *Über Schiller und den Gang seiner Geistesentwicklung*. In: HUMBOLDT, W. Werke in fünf Bänden, vol. 2. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1963.
- SAFRANSKI, R. *Schiller oder die Erfindung des Deutschen Idealismus*. Munique: Carl Hanser Verlag, 2004.
- SCHLEGEL, A. W. *Doutrina da Arte: Cursos sobre Literatura Bela e Arte*. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

WERLE, M. A. *A aparência sensível da ideia: estudos sobre a estética de Hegel e a época de Goethe*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

WERLE, M. A. A dimensão filosófica do Meister de Goethe e do Gato Murr de Hoffmann. In: *Discurso*. v. 47. n. 1, p. 283-306, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/134092>.

WERLE, M. A. *A poesia na estética de Hegel*. São Paulo: Humanitas: Fapesp: 2005.

WERLE, M. A. A relação entre a estética de Hegel e a poesia de Goethe. In: *Discurso*. n. 32, p. 161–192, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38058>.

WERLE, M. A. Goethe como crítico literário. In: *Revista Cult*. 14 mar. 2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/goethe-como-critico-literario/>.

WERLE, M. A. Goethe e Schiller sobre a relação entre poesia e artes plásticas. In: *Rapsódia*. v. 1, n. 13, p. 5–22, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rapsodia/article/view/165300>.

WERLE, M. A. Lógica e Estética em Hegel. In: *Rapsódia*. v. 1, n. 9, p. 27–38, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rapsodia/article/view/113674>.

WERLE, M. A. Natureza e sociedade no Werther de Goethe. In: *ARTEFILOSOFIA*. v. 12, n. 22, p. 38-49, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/840>.

WERLE, M. A. O lugar de Kant na fundamentação da estética como disciplina filosófica. In: *Dois Pontos*. v. 2, n. 2, p. 129-143, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/1965>.

WERLE, M. A. O renascimento de Goethe. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 dez. 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs1112199908.htm>.

WERLE, M. A. Passagens estéticas entre Kant e Hegel. In: *Estética em perspectiva*. (Org.) Cíntia Vieira da Silva, Pedro Fernandes Galé, Pedro Paulo Pimenta, Vladimir Vieira. Rio de Janeiro: 7 letras, 2019, p. 62-75.

WERLE, M. A. Teatro, formación y vida en el Wilhelm Meister de Goethe. In: *Estudios de Filosofía*. n. 47, p. 107–119, 2013. Disponível em: [https://revistas.udea.edu.co/index.php/estudios\\_de\\_filosofia/article/view/16650](https://revistas.udea.edu.co/index.php/estudios_de_filosofia/article/view/16650).

WERLE, M. A. Winckelmann, Lessing e Herder: estéticas do efeito? In: *Trans/Form/Ação*. v. 23, p. 19-50, 2000. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/812/707>.

WERLE, M. A.; ARAUJO ARRAES, D. E. La morfología del Viaje a Italia, de Goethe. In: *Revista de humanidades*. n. 47, p. 139–165, 2023.. Disponível em: <https://revistahumanidades.unab.cl/index.php/revista-de-humanidades/article/view/698>.

Recebido em:

Aceito em:

### ENTREVISTA

Marco Aurélio Werle a cerca de seus estudos sobre Hegel e Goethe